

**NA PELE DO COTIDIANO, A ALMA DA RESISTÊNCIA:
reflexões sobre o trabalho discente como prática pedagógica**

**IN THE SKIN OF QUOTIDIAN, THE SOUL OF RESISTENCE:
thoughts about the student work as teaching practice**

Bárbara Souza Machado¹
Gabriela Vitória Martins Silva
Rayene Kerem Fernandes
Marcos Vinicius Fintelman Viana
Jacyra Antunes Parreira

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentaremos uma análise crítica do documentário proposto pelos professores de História e Artes, e desenvolvido pelos alunos do 2º ano da Escola Estadual Cristiano Machado, com o objetivo de explorar os impactos que a ação promoveu na instituição. O projeto intitulado “Na Pele e na Alma” tem como objetivo retratar o racismo institucionalizado vivido cotidianamente pelos alunos e demais integrantes da comunidade escolar. O documentário confere uma importante prática pedagógica na implementação de uma educação antirracista, posto que o projeto desvelou as vivências e situações enfrentadas por alunos negros dentro e fora da escola, resultando na conscientização tanto dos demais alunos quanto do corpo pedagógico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A obra “Education, Racism and Reform” de Barry Troyna e Bruce Carrington, publicada em 2012, evidencia o conceito de educação antirracista como uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas. Esta produção foi crucial para expandir a visão do grupo sobre o tema enquanto a obra “Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores” de Aparecida de Jesus Ferreira, publicada em 2012, foi fundamental para entendermos e incorporarmos o documentário produzido pelos alunos como uma prática pedagógica antirracista. Seus olhares e narrativas revelam situações de estigmatização e desigualdade presentes tanto no interior da escola quanto em outros contextos sociais. A afirmativa da autora nos mostra que enfrentar o racismo institucional exige ações concretas que

¹ babisouzamachado@gmail.com ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

transformem o cotidiano escolar valorizando as experiências dos alunos negros e que, iniciativas como “Na Pele e na Alma” não apenas denunciam o racismo, mas também fortalecem o protagonismo dos estudantes na escola. O caráter formativo da experiência aproxima-se da concepção de Paulo Freire (1996) sobre a educação como prática de liberdade, na medida em que o documentário rompe com o silenciamento das vozes negras e promove a construção coletiva do conhecimento, pautada no diálogo e na problematização da realidade vivida. Além disso, o projeto dialoga com a perspectiva de Kabengele Munanga (2005), ao evidenciar que o racismo não se reduz a práticas individuais de preconceito, mas se estrutura como fenômeno social e institucional, exigindo enfrentamentos pedagógicos que visem à transformação das mentalidades e das estruturas escolares. Nesse sentido, o projeto desenvolvido na Escola Estadual Cristiano Machado promove a construção coletiva do conhecimento, fortalecendo a consciência crítica e o protagonismo dos estudantes negros na escola. Ao possibilitar que essas vozes se expressem, o documentário contribui para a implementação de práticas pedagógicas mais inclusivas, na qual o aprendizado se torna emancipatório e transformador. A educação deve ser um instrumento de libertação, permitindo que os estudantes historicamente marginalizados se reconheçam como sujeitos ativos e críticos do próprio processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

O documentário "Na Pele e Na Alma" foi proposto pelos professores de História e Artes da Escola Estadual Cristiano Machado produzidos pelos alunos do segundo ano do Ensino Médio, que dividiram entre alunas que fizeram o roteiro, elaboração do título e estrutura das entrevistas, enquanto os demais alunos ficaram responsáveis pela gravação, direção e edição do vídeo; além da elaboração da capa do projeto para a divulgação em redes sociais da escola desenvolvidas para este fim. A partir da produção dos alunos, que foram assistidos pelos autores do presente trabalho, pretendemos, de forma crítica, analisar a produção audiovisual enquanto prática pedagógica, além da observação dos seus desdobramentos no âmbito escolar.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

A produção do documentário gerou uma movimentação na comunidade escolar, resultando em reflexões sobre o racismo institucionalizado. A partir de um roteiro pensado e produzido junto com os professores responsáveis pelo projeto, os alunos fizeram entrevistas tanto com os colegas, quanto com os docentes que se identificavam como pessoas negras. Estas perguntas eram voltadas para o cotidiano dos entrevistados e os levava a refletir sobre o racismo que eles enfrentaram e ainda enfrentam no dia a dia. De forma a divulgar o documentário para os outros anos, os alunos do ensino médio também produziram cartazes que foram colados pelos murais da escola, o que provocou a curiosidade de discentes mais novos. Além disso, eles criaram redes sociais voltadas apenas para a divulgação, o que colaborou com a visibilidade do projeto em veículos que alcançavam limites além do espaço institucional, com o objetivo de alcançar outras pessoas que estão fora da comunidade escolar. A maior parte do projeto foi realizado na escola, com os materiais disponíveis para uso, como câmeras digitais e computadores para a edição e como eram ferramentas que a maioria dos participantes não tinham tido contato antes, eles precisaram aprender a manusear estes equipamentos para a conclusão do documentário e buscaram ajuda tanto dos seus professores quanto conosco. O presente trabalho buscou analisar este impacto no ambiente de ensino. Além disso, a produção ampliou o conhecimento dos alunos no uso da tecnologia como ferramenta de aprendizado e o audiovisual como local de debates educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retratar o racismo institucionalizado vivido cotidianamente pelos alunos e pelos demais integrantes da comunidade escolar, a produção audiovisual proporcionou debates entre o grupo, que motivou a produção do trabalho e discussões acerca de formas para a implementação da educação antirracista na escola, o que impulsionou a realização deste relato de experiência.

Palavras-chave: Documentário; Educação Antirracista; Conscientização.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 103-124.
- MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos avançados**, v. 18, p. 51-66, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- OLIVEIRA, Dennis. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. Belo Horizonte: Dandara Editora, 2021.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- TROYNA, Barry; CARRINGTON, Bruce. **Education, racism and reform** (RLE edu J). Routledge, 2012.